

## Revisitando Pessoa em língua inglesa

Lisa Carvalho Vasconcellos \*

**MONTEIRO, George. *The presence of Pessoa: English, American and Southern African literary responses*. Lexington: Kentucky University Press, 1998.**

Aos sete anos de idade, o poeta português Fernando Pessoa, acompanhando a mãe que acabara de se casar com um membro do corpo diplomático português, se mudou para a colônia britânica de Natal. Na cidade de Durban, hoje território sul-africano, passou a infância e a adolescência, tendo voltado definitivamente para Portugal somente aos dezessete anos de idade. Como confessou mais tarde, os anos que lá passou o marcaram por toda vida; não porque tenham sido tocados pelo estranhamento da experiência com o desconhecido, mas sim porque, nesse local, recebeu uma educação tipicamente britânica, que o colocou em contato com a língua inglesa e com sua literatura. Essa influência é visível em sua obra posterior e já foi objeto de inúmeros estudos críticos.

Surpreende, entretanto, quando encontramos um trabalho que faz o percurso contrário e nos fala não do débito de Pessoa para com o mundo inglês, mas da influência que exerceu em escritores dessa língua. É justamente esse o caso de *The presence of Pessoa: English, American, and Southern-african literary responses*. Como o próprio título indica, nesse livro, George Monteiro procura traçar um mapa da recepção de Pessoa em inglês, tomando por exemplo os trabalhos de poetas ingleses, americanos e sul-africanos. Esse caminho inverso se revela particularmente fértil, uma vez que, em sua releitura, esses escritores jogam nova luz sobre importantes aspectos da problemática pessoana.

Roy Campbell, Eduard Roditi, Thomas Merton, Edwin Honing, Lawrence Ferlinghetti, Allen Ginsberg, Joyce Carol Oates e Charles Eglinton são algumas das personagens que povoam a história da recepção de Pessoa no mundo anglófono. A maior parte deles entrou em contato com sua poesia numa época em que suas publicações rareavam tanto em língua pátria como em estrangeira. Daí que, com frequência, coube a esses escritores o papel de traduzir, editar, criticar e divulgar o trabalho ainda desconhecido do poeta português.

Do cotejamento entre a poesia de Pessoa e a desses leitores privilegiados surgem convergências inesperadas. George Monteiro, que é americano de origem portuguesa, é particularmente sensível às afinidades nacionais que permeiam algumas dessas relações: Lawrence Ferlinghetti, por exemplo, passa a ler Pessoa depois de descobrir sua própria ascendência portuguesa; já Roy Campbell, poeta sul-africano nascido em Durban, que havia inclusive frequentado, com vários anos de diferença, a mesma escola que Fernando Pessoa, se identifica com suas “raízes” africanas.

Dois casos relatados no livro propõem questões particulares que merecem ser tratadas aqui. O primeiro é de Joyce Carol Oates, contista americana que, a certa altura da vida, se viu possuída por uma personalidade literária diferente da sua. Esse “heterônimo”, ao qual ela deu o nome de Fernandes de Brião, surgiu inesperadamente em sua mente e a obrigava a compor narrativas passadas em Portugal, seu país de origem. *The poisoned kiss and other stories from the portuguese* é o resultado dessa estranha experiência. Essa coletânea de contos, além de conter elementos surpreendentemente pessoanos em termos temáticos, é introduzida por um prefácio assinado por Oates, no qual ela apresenta Fernandes como autor do livro e a si mesma como sua tradutora. Uma das narrativas gira em torno da leitura de Walt Whitman, outra crítica

Salazar e uma terceira, ainda, lida com o tema do bilinguismo, enfocando especialmente as relações entre inglês e português. O próprio Fernandes de *Brião*, esclarece Oates no prefácio, também é bilíngue, tendo estudado em Harvard, nos Estados Unidos, e trabalhado como tradutor durante grande parte da vida.

Qualquer leitor de Pessoa reconhece sua presença subjacente nessa experiência de escrita. Entretanto, segundo seu próprio relato, Carol Oates nunca havia lido Pessoa e nada conhecia de literatura lusitana até ser possuída por *Brião*. Só depois de seu aparecimento é que ela passou a recolher informações junto a amigos sobre Portugal e sua cultura. George Monteiro reconhece a dificuldade que esse estranho caso coloca ao crítico. Fernando Pessoa criou personagens que assumiram vida na obra de outros escritores – é o que acontece em *O ano da morte de Ricardo Reis*, por exemplo, mas, aqui, o jogo heteronímico se autonomizou a tal ponto, que passou a prescindir de si mesmo.

O capítulo sobre o poeta sul-africano Charles Eglinton nos propõe questões igualmente interessantes, e acaba por iluminar, de maneira diversa, a experiência de Fernando Pessoa no exterior. Como o leitor deve estar lembrado, África do Sul marcou nosso poeta enquanto colônia inglesa, mas parece não ter deixado qualquer marca em sua obra, enquanto espaço geográfico singular. Surpreende a todos, portanto, que, em 1989, cinco poemas de sua autoria tenham sido incluídos no *Penguin Book of Southern African Verse*. E não é sem razão que, dentre esses, três sejam retirados da *Mensagem*: para Stephen Gray, organizador do volume, o imaginário marítimo presente neste livro é tipicamente africano. Charles Eglinton parece ter uma opinião semelhante, pois, em uma sequência de poemas intitulada “Homenagem a Fernando Pessoa”, ele nomeadamente se inspira em “Mar português” para falar de seu próprio país.

O conjunto não esconde seu débito para com a poesia de Fernando Pessoa. Os quatro poemas que o compõem retiram seus títulos e temáticas de *Mensagem* e, na página, se intercalam com epígrafes apanhadas neste mesmo livro. A novidade do trabalho de Eglinton está no fato de que, em seu texto, ele assume a fala do colonizado, procurando responder parodicamente ao imaginário de *Mensagem*. O comentário irônico que faz do texto matriz procura inverter os polos hierárquicos e ver no colonizador a violência que este pressente na paisagem Africana. Mediando esse encontro de textos, subjaz a obra de Camões e o mito de Adamastor. Representante da África indômita, esse monstro congrega em si todos os perigos e adversidades pelas quais os portugueses tiveram de passar em suas conquistas. Curiosamente, “O mostrengo”, texto que lida justamente com essa figura, foi o único poema de Pessoa que Eglinton chegou a traduzir. “Aqui ao leme sou mais que eu. Sou um povo que quer o mar”, disse Fernando Pessoa, em 1934. “*Here at the helm I am more than myself I am a People who wants the sea that is yours*”, repetiu Eglinton, em 1967. Mas se o mar geográfico não pode ser de ambos, uma vez que é sempre português ou africano, o oceano da literatura tem espaço para todos. E é no seu desejo que poetas de mundos tão díspares podem sempre se encontrar, como propõe George Monteiro.

## Nota explicativa

\* Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP.